

INFÂNCIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: (re) significações a partir da História e da Arte em turmas do 1º ano do ensino fundamental

Ivangilda Bispo dos Santos
Tânia Aretuza Ambrizi Gebara
Orientadora: Tânia Aretuza Ambrizi Gebara
taretuza@outlook.com

RESUMO

O contexto social brasileiro é marcado em sua história por uma matriz de significados que rejeitam ou estereotipam o protagonismo de determinados sujeitos, povos e culturas. Esse fato se faz presente inclusive em instituições como a escola. O presente artigo está vinculado ao projeto de ensino, pesquisa e extensão denominado Ciclo Permanente de Estudos e Debates sobre Educação Básica, que atua com a formação de docentes e discentes para a implementação da Lei 10.639/03. Com o objetivo de contribuir com práticas pedagógicas que visem potencializar uma formação humana com base no respeito e valorização da diversidade sociocultural e étnica, desenvolvemos uma sequência didática em duas turmas do primeiro ano, do 1º Ciclo de Formação Humana, do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. As aulas foram desenvolvidas de maneira interdisciplinar, com destaque para a História e a Arte, o uso de biografias, mapas e imagens de arte negra e indígena – pinturas e desenhos – que representam a infância no século XX e no século XXI. A diversidade sociocultural brasileira foi introduzida, retomada, trabalhada e consolidada como temática central. Foi possível identificar as percepções das crianças sobre o mundo, desconstruir preconceitos, e demonstrar a pluralidade das identidades individuais e coletivas. Os estudantes participaram de várias atividades, tal como o desenho e a confecção e releitura de obras de arte por meio da pintura; desenvolvendo a capacidade expressiva e reflexiva. Cabe ressaltar, que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), as Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais (2006), e a Lei 11.645/2008 foram utilizados como fundamento teórico-metodológico, além de outros estudos como: Friedrich Froebel (2001), Antoine Prost (2008), Renata Felinto (2017), Frantz Fanon (2011), Abramowicz e Oliveira (2012). Esta iniciativa destaca-se por buscar a ressignificação e revalorização de determinadas representações e narrativas sobre os indígenas, os africanos e seus descendentes no Brasil. O trabalho, baseado no diálogo e na autonomia das crianças, fortaleceu a compreensão de que a escola tem um papel fundamental na formação humana e na construção de uma educação antirracista para a redução das desigualdades na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Educação, Relações Étnico-raciais, Artes visuais, Ensino fundamental

Introdução

A infância é um conceito biológico e cultural, construído social e historicamente, baseado em valores morais e expectativas de conduta para indivíduos de determinada faixa etária. A noção de infância foi desenvolvida a partir do século XVIII, sofrendo mudanças ao longo da história e conforme o ambiente social que o indivíduo esteve inserido (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008).

Atualmente, está delimitada pelo ciclo escolar, pelo corpo, idade, legislação, entre outros fatores. Apesar dos esforços em manter limites entre as vivências das crianças, dos adolescentes e dos adultos algumas fronteiras não são intransponíveis, como o trabalho, o acesso à educação e a determinadas informações; ou mesmo práticas sociais como o preconceito e a discriminação racial. Afinal, as crianças são sujeitos que agem e sofrem influências do meio em que vivem.

Aos profissionais da educação, cabe o papel de desmitificar a crença de que o pertencimento sociocultural ou o fenótipo das crianças não influenciam as relações cotidianas no ambiente escolar (SILVA JR.; BENTO; CARVALHO, 2012). É fundamental o desenvolvimento de intervenções pedagógicas na educação básica que promovam atividades que colaborem para o respeito, aceitação e valorização dos diversos tipos físicos, práticas culturais e trajetórias históricas dos antepassados dos estudantes – sobretudo os pertencentes a grupos sociais marginalizados.

Com o objetivo de contribuir para a formação inicial, continuada e em serviço dos professores o Projeto de ensino, pesquisa e extensão Ciclo Permanente de Estudos e Debates sobre Educação Básica atua, desde 2014, para a implantação e implementação da educação para as relações étnico-raciais – fundamentada na Lei 10.639/2003, alterada pela 11.645/2008.

No eixo Ensino, desenvolveu-se em 2018 uma sequência didática para atuar com a diversidade individual, cultural e social dos estudantes do Centro Pedagógico/UFMG, a partir das suas histórias de vida, e por meio de alguns artistas que representaram a infância em suas obras. A sequência didática planejada foi aplicada durante o mês de agosto e setembro de 2018 em duas turmas do primeiro ano, do 1º Ciclo de Formação Humana, do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Contemplou, respectivamente, a produção de um desenho sobre a história pessoal e familiar dos estudantes; uma roda de conversa sobre as produções; a contação de história de dois livros infantis que contemplam a Lei 11.645/2008; aula dialogada a partir de obras de arte organizadas em formato de slides; releitura das obras com o uso de papel vergê, tinta e pincel; e exposição dos trabalhos produzidos durante o projeto.

O presente artigo está estruturado em três partes, a saber: na primeira são abordadas as histórias utilizadas na sequência didática, recurso eficaz para a aproximação do tema com as crianças participantes. Na segunda parte, são tecidas reflexões sobre a infância e a diversidade relatando-se a utilização da arte visual como mediadora do processo educativo e por fim, são sistematizadas considerações finais.

Minha história, nossas histórias

De acordo com Caio César Boshi, onde tem seres humanos, tem História, e esta faz parte de nossas vidas, pois somos seu sujeito e seu objeto de estudo. “O que fazemos, pensamos, sentimos, produzimos, assim como o significado que atribuímos a tudo isso, depende da época em que vivemos, das relações sociais até então estabelecidas, do contexto histórico.” (BOSHI, 2007, p.9). Mais do que nunca, a História faz parte do nosso cotidiano, é uma necessidade humana e social, e uma ferramenta para conhecer e agir sobre a realidade. Um conhecimento em constante construção. (BOSHI, 2007). Apropriamos-nos dessa perspectiva mais prática da história para iniciar a sequência didática com os estudantes do 1º ano, do 1º Ciclo de Formação Humana, do CP/UFMG. A intenção foi ampliar as possibilidades das crianças compreenderem que nossa trajetória individual e coletiva tem um sentido histórico; que todos nós nossos sujeitos desse processo social. Para isso pedimos que desenhassem o que eles achavam importante em suas histórias em uma folha A4, em formato de tirinha. Auxiliamos a dobrarem o material formando um folder. Em seguida eles fizeram a capa com o tema “Nossas Histórias”.



Fonte: Acervo Pessoal. Agosto de 2018.

O ato de desenhar o que eles acharam relevante articula ação, pensamento e reflexão sobre o Eu. Esse exercício, físico e mental, auxiliou na definição de situações singulares, eventos marcantes, pessoas consideradas importantes assim como locais frequentados e visitados. O desenho desenvolve a mão na interpretação e representação das formas (FROEBEL, 2001). A roda de conversa foi importante na organização da narrativa e atribuição de significados do que haviam representado.

Além desses aspectos elencados, agregamos debates para aguçar as percepções, mediando diálogos sobre a diversidade de histórias e maneiras de viver a infância, procurando tematizar que as formas como os nossos alunos veem o mundo não são as mesmas de outra criança, assim como a aparência física, gostos, composição familiar, costumes e locais de socialização são diferentes. Como afirma Antoine Prost (2008), com base em Collingwood (1946), a história é um conhecimento do passado e do presente; “(...) qualquer história implica significações, intenções, vontades, medos, imaginação e crenças” (PROST, 2008, 141). Durante a apresentação dos estudantes, conseguimos identificar todos esses elementos.

Retomamos a questão da diversidade na infância com a leitura de dois livros: *As tranças de Bintou* (2004) e *Tainãly uma menina Maraguá/Tainãly, yepé tainãê Maraguá* (2014). A identidade individual e coletiva foi ressaltada em ambas as histórias por meio do diálogo a partir dos costumes, roupas, penteados, casa e família das personagens em contraposição a modo de vida dos estudantes.

As tranças de Bintou, escrito pela historiadora francesa Sylviane Anna Diouf (1952-), filha de pai senegalês e mãe francesa, é um livro infantil que conta o desejo de Bintou em poder fazer tranças, assim como as mulheres de onde mora. Poder fazer tranças mais elaboradas é uma fronteira cultural que determina quem é considerada criança e quem é considerada uma mulher; por isso o desejo de Bintou para crescer mais rápido. Portanto, ter tranças é uma característica estética que delimita a infância nessa história. Entre os pontos fortes do livro destaca-se a sua estética, o relacionamento de Bintou com sua família e alguns costumes culturais. Optamos pela contação de história para sintetizar a narrativa. Para envolver a atenção dos estudantes foi necessário ter conhecimento sobre o enredo, marcar a entonação, aplicar pausas de suspense e ritmo a narrativa.

Dois elementos foram alterados na narrativa original - ligado à estética e ao pertencimento nacional da personagem principal. Enfatizou-se que o cabelo dela pode ser bonito de várias formas: solto, com biotes (coques), com enfeites e com tranças. Isso, pois a narrativa dá a entender que é necessário algum adereço para que o cabelo seja considerado bonito. Comparações com os penteados dos personagens do livro e com os estudantes foram discutidos coletivamente para que entendessem que, independente da escolha estética que fizessem, é importante aceitarmos nossas características físicas, uma vez que, cada um tem tipo diferente de beleza e isto é algo bom e que faz parte da nossa personalidade e identidade. O local onde Bintou mora não é mencionado durante a narrativa. Esse fator pode levar a uma ideia generalista do continente africano. Em contraposição, afirmamos que Bintou morava em uma comunidade pequena, na zona rural, no Senegal, país que inspirou a autora a escrever sobre a elegância das mulheres senegalesas, a força da família, a importância da comunidade e o respeito pelos anciões (DIOUF, s/d).

Tainãly uma menina Maraguá/Tainãly, yepé tainãê Maraguá, da autora Lia Minápoty (1988 -), nascida na antiga aldeia Novo Horizonte Yãbetue'y, no Amazonas, conta a história de Tainãly, uma menina indígena pertencente ao povo Maraguá, também localizado no estado do Amazonas. A breve narrativa, que também se passa na língua maraguá, apresenta a aldeia onde a menina mora, as brincadeiras, bichos da floresta e sua família. Por ter frases curtas e uma narrativa pequena foi fácil conciliar a leitura com a atenção das crianças. Complementarmente citamos algumas palavras de origem indígena que utilizamos em nosso dia-a-dia e conversamos sobre a existência de alguns povos indígenas em Minas Gerais. Uma das estudantes disse ter ancestralidade indígena, o que abriu caminho para mais perguntas por parte dos alunos.

Conversamos sobre ambos os livros, trançando o que mais gostaram e as relações entre as duas histórias. Foi mais comentado pelos estudantes o penteado dos personagens e suas roupas, na história de Bintou, e os animais e a foto da autora quando criança, na história da Tainãli. Entre as semelhanças das duas histórias, disseram que são contadas por meninas, as duas têm olhos puxados, moram perto da água e têm pássaros. Em seguida foi demonstrado o lugar geográfico das histórias, assim como a localização de Belo Horizonte no mapa para situá-los espacialmente.



Fonte: Acervo Pessoal. Agosto de 2018.

Também foi abordado que a participação dos indígenas e africanos na história brasileira nem sempre foram consideradas, mas que ambos trouxeram, e ainda trazem contribuições importantes para nossa cultura e sociedade. Temos aparências físicas, comidas, línguas, festas, entre outras características, tão diversos

atualmente devido à influência deles em nossa história. Também foi mencionado que muitos dos brasileiros têm antepassados indígenas e africanos – que na maior parte das vezes não teve autonomia para decidir se queriam vir para o Brasil e integrar uma sociedade que não tinham a possibilidade de viver como estavam acostumados. Geralmente não sabemos exatamente a qual povo originário do continente americano ou africano temos vínculo porque nos foi imposto uma identidade que considerou/valorizou apenas a atuação portuguesa em nossa trajetória histórica, priorizando-se uma identidade que muitas vezes negou e silenciou a diversidade étnica, estética, fenotípica e cultural do povo brasileiro.

Refletir sobre a história individual e coletiva por meio do desenho e articular com a história dos personagens dos livros possibilitou falar sobre identidade enquanto um conceito que integra o corpo, a sociedade em que estamos inseridos e os costumes culturais que praticamos – e suas relações com outros povos. A finalidade de tal iniciativa foi apresentar e estimular uma visão positiva sobre os sujeitos que integram as culturas africanas e indígenas. Como afirma a cientista social Joyce Maria Rodrigues, ao longo da história foram inscritos valores e crenças negativas ao negro – e acrescentamos, aos indígenas, mesmo se manifestando de formas diferentes. Esse corpo, enquanto um veículo de expressão e identidade, que comporta o olhar para si próprio e o olhar do outro, remete a diversos sentimentos que, construídos historicamente, tenderam a depreciá-lo (RODRIGUES, 2012). Portanto, positivar o olhar sobre corpos e modos de agir e estar no mundo dos sujeitos e grupos sociais relacionados às culturas indígenas e africanas é uma forma de resistência que contribui para o respeito e valorização da diversidade étnico-racial.

Infância e diversidade: a arte visual como mediadora do processo educativo

Além de pontuarmos que as ilustrações dos livros infantis e os desenhos feitos pelos estudantes podem ser considerados manifestações artísticas, procurou-se ampliar a relação entre a arte e a infância ao levarmos em conta o fenótipo e vínculos culturais das crianças representadas em outros suportes e técnicas de arte. Para isso selecionamos dois artistas e algumas de suas obras sobre infância: Heitor dos Prazeres e Arissana Pataxó (Braz).

O carioca Heitor dos Prazeres (1898-1966) atuou no campo artístico como compositor, músico e pintor. Iniciou sua trajetória como pintor autodidata em 1937 com o intuito de enfeitar suas paredes e suas partituras, porém teve reconhecimento ainda em vida. Suas pinturas fizeram parte de aproximadamente trinta exposições e, em 1951, ganhou o Prêmio Aquisição na I Bienal de Artes de São Paulo, com a obra *A Moenda*. Caracterizou sua obra os seguintes temas: a roça, a festa, o samba, a boemia e o candomblé (MUSEU AFRO BRASIL, 2017). Escolhemos sete pinturas do Heitor que representam crianças em diferentes espaços: rurais, urbanos, no quintal

e na rua. Seis de sete, contemplam brincadeiras, e em uma outra obra um menino ajudando sua mãe a estender a roupa. Um contraste temporal perceptível em suas representações são as meninas e mulheres estarem sempre de vestido. Outro ponto importante a ser destacado é a representação de crianças negras e pardas em suas pinturas – característica social da composição carioca que não foi considerada por uma parte significativa dos artistas de sua época.

A artista plástica baiana, da etnia Pataxó, Arissana Pataxó (1983 -), produz obras sobre a temática indígena na contemporaneidade. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Mestre em Estudos Étnico e Africanos pela mesma universidade, também atua como professora, em atividades de arte-educação com os povos indígenas e com a produção de material didático. Ganhou a segunda colocação no Prêmio PIPA Online 2016 e acumula em seu currículo várias exposições individuais e coletivas (PRÊMIO PIPA, 2016). Selecionamos seis imagens de crianças produzidas por Arissana feitas com diversos materiais, como lápis de cor sobre papel, pastel óleo sobre papel e acrílica sobre tela. Os adereços, as pinturas corporais e as atividades exercidas pelas crianças são alguns dos elementos que podem ser explorados em sala de aula.

O local onde as crianças eram representadas, o que estavam fazendo e suas características físicas foram os pontos principais da conversa com os estudantes do CP/UFMG. Na obra de Heitor dos Prazeres o foco deles deu-se sobre as brincadeiras, muitas delas familiares a maioria dos estudantes: soltar papagaio, jogar peteca, brincar no balanço, pular corda e descer no escorregador. Na obra de Arissana Pataxó, chamou mais atenção dos estudantes o efeito dos materiais que, segundo eles, algumas imagens aparentavam ser fotografias, e as pinturas corporais ou efeitos coloridos que a artista empregou em algumas pinturas.

Como destaca Renata Felinto “As Artes Plásticas são uma das áreas mais profícuas para se trabalhar a expressividade individual, o sentido de coletividade, a autoestima e a identidade.” (2012, p.101). Nesse sentido, a consolidação do debate deu-se com a escolha de uma das duas pinturas abaixo:



“Meninos Kayapó”, 2006. Fonte: < <http://www.premiopipa.com/pag/arissana-pataxo/>>. Setembro de 2018.



Fonte:< <http://temasdeartecontemporanea.blogspot.com/2013/09/heitor-dos-prazeres-um-homem-do-povo.html>> Agosto de 2018.

Os estudantes produziram uma releitura das imagens por meio do pincel, tinta e papel vergê:



Fonte: Acervo Pessoal. Agosto de 2018.

Demonstrar a imagem e breve biografia dos artistas foi uma opção importante para demonstrar quais sujeitos produziram as obras de arte e o contexto social que proporcionou que representassem de determinada maneira as crianças. Com relação às biografias, consideramos ser um instrumento metodológico para compreender as relações entre indivíduos, grupos e contexto social (LEVI, 2002). No que se refere às diferenças e semelhanças entre os artistas utilizados, tanto o Heitor quanto Arissana são indivíduos que, representam grupos sociais historicamente subalternizados. Além disso, têm como tema artístico indivíduos de suas respectivas vivências e não ignoraram a participação social das crianças. Selecionar tais sujeitos é um ato que colabora com a difusão da arte produzida pelas minorias sociopolíticas. Uma iniciativa pontual, mas significativa, considerando que no Brasil as artes visuais geralmente são retratadas pelas instituições culturais pelo viés das classes dominantes; ignorando a materialidade, a visualidade e a corporalidade dos não brancos e não homens (FELINTO, 2017).

Nessa sequência didática buscamos demonstrar que a infância pode ser vivida de diferentes formas, por crianças diferentes entre si e em lugares variados; mesmo que estas façam parte do mesmo país, estado, cidade ou até sala de aula. Todos têm coisas em comum, mas também coisas diferentes, e isto é que nos tornam únicos e diversos. Por isso, o respeito à diferença é importante.

Considerações finais

Como Frantz Fanon afirma em seu texto *Racismo e cultura*, o racismo é um elemento cultural mutável que visa discriminar uma forma de existir e oprimir sistematicamente certos povos. Desvaloriza, ridiculariza, exotiza, objetifica e esvazia os valores culturais do Outro, em alguns casos revestindo-se do pseudo-respeito (FANON, 2011). Nesse sentido, é necessário pensar o processo de socialização das crianças abordando aspectos da nossa realidade social, cultural, econômica e racial (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012).

Além da complexa rede que integra a educação das crianças no contexto escolar, o trabalho com a infância tem sua especificidade. É necessário adaptar os materiais e a linguagem. Para potencializar a sequência didática, utilizamos de forma conciliada a oralidade, a arte visual e a literatura com base no diálogo e na autonomia das crianças a fim de colaborar com o aprendizado.

Cabe mencionar que foi organizado no CP/UFMG uma exposição com a produção dos estudantes e com a reprodução de obras de artistas afro-brasileiros e indígenas. Essa fase de fechamento das atividades foi um momento em que as crianças puderam socializar com a família e a escola as reflexões que o projeto proporcionou sobre as relações étnico-raciais.

Esperamos que essa experiência tenha colaborado com a resignificação e revalorização de determinadas representações e narrativas sobre os indígenas, os africanos e seus descendentes no Brasil. Afinal, a escola tem um papel fundamental na formação humana e na construção de uma educação antirracista para a redução das desigualdades na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSHI, Caio César. O sentido da História. In: Por que estudar História. São Paulo: Ática, 2007.

DIOUF, Sylviane A. As tranças de Bintou. Ilustrações Shane W. Evans. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 32 p.

DIOUF, Sylviane A. Bintou's Braids. s/d. Sylviane Anna Diouf Historian of the African Diaspora. Disponível em: http://www.sylvianediouf.com/bintou_s_braids_2693.htm. Acesso em 02/08/2018.

FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011. p.273-285.

FELINTO, Renata. A representação do negro nas artes plásticas brasileiras: diálogos e identidades. In FELINTO, R. (org.) Culturas africanas e afro-brasileiras em Sala de aula. Belo Horizonte, MG: Editora Fino Trato, 2012

FELINTO, Renata Aparecida. Não brancos, não héteros, não brancos: não me vejo, mas existo: a sub representação das minorias na arte brasileira. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: 69ª Reunião Anual da SBPC, 16 a 22 de julho de 2017.

FROEBEL, Friederich W. A. O desenho. In: Educação do homem. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2001

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 167-182.

MINÁPOTY, Lia. Tainãly, uma menina Maraguá/Tainãly, yepé tainãê Maraguá. Ilustrações Laurabeatriz. Curitiba: Positivo, 2014. 24 p.

MUSEU AFRO BRASIL. Heitor dos Prazeres. Museu Afro Brasil. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2017/06/27/heitor-dos-prazeres>. Acesso em 09/08/2018.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska M. F. A construção social do conceito de infância. Linhas (UDESC), v. 09, p. 04-18, 2008.

PATAXÓ, Arissana. Blog: Arte e identidade. Disponível em: <http://arissanapataxo.blogspot.com/>. Acesso em 09/08/2018.

PRÊMIO PIPA. Arissana Pataxó. 2016. Prêmio PIPA Prize: A janela para a arte contemporânea brasileiras. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/pag/arissana-pataxo/>. Acesso em 09/08/2018.

PROST, Antoine. A história como compreensão. In: Doze lições sobre a história. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008.

RODRIGUES, Joyce Maria. A relação do corpo para a construção da identidade negra. In: FELINTO, R. (org.) Culturas africanas e afro-brasileiras em Sala de aula. Saberes para os professores fazeres para os alunos. Belo Horizonte, MG: Editora Fino Trato, 2012

SILVA JR., Hédio.; BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira (Orgs). Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT: Instituto Avisa lá – Formação Continuada de Educadores, 2012.